

## HISTÓRIA E LITERATURA: AS TESES DE WALTER BENJAMIN SOBRE O CONCEITO DA HISTÓRIA E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Eliana Rocha Vierno Zanforlin\*

### RESUMO:

*Este trabalho discute o ensaio de Walter Benjamin, "Teses sobre o conceito da história", e a Estética da Recepção de Hans Robert Jauss como crítica ao historicismo. Embora vindos de tradições filosóficas distintas, as idéias dos dois autores têm instigantes similaridades.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *continuum, empatia, historicismo, horizonte de expectativas, tempo de "agora".*

As "Teses sobre o conceito da história", derradeiro trabalho de Walter Benjamin, caracterizam-se pelo seu caráter inovador no âmbito da historiografia geral e da historiografia literária. O primeiro desafio advém através de sua leitura, já que se apresentam como fragmentos do pensamento do autor, não mantendo relações sintáticas entre si, estabelecidas principalmente pelas conjunções.

Além do caráter descontínuo, que desfaz nosso hábito de leitura linear, o texto benjaminiano recorre, freqüentemente, às imagens. A mais célebre delas é o quadro de Paulo Klean, *Angelus Novus*, (tese nº 9). Cercado pelas ruínas do passado, o anjo da história deseja recolhê-las, mas uma tempestade – o progresso – vinda do paraíso o impede de fechar as suas asas, impulsionando-o para o futuro. A tese nº 15 retoma um fato ocorrido durante a Revolução de 1848, quando tiros foram disparados contra os relógios instalados nas torres em vários bairros de Paris, momento de plena consciência da classe revolucionária de seu papel: fazer explodir o *continuum* da história.

\* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2000.

A autonomia das dezoito teses e dos dois apêndices do ensaio leva-nos a questionar sobre o que estaria por detrás dessa escrita em fragmentos, comparada, metaforicamente, às pedras de um mosaico, que exigem do observador um afastamento para a contemplação de seus desenhos. Ou talvez seriam como as peças de vidro de um caleidoscópio que projetam, com o jogo de espelhos longitudinais, imagens que se fixam por um instante, para depois se fragmentarem novamente quando manipuladas.

Benjamin opor-se-á à idéia da história fundamentada na concepção linear e contínua do tempo, onde os acontecimentos históricos estariam "eternamente" fixados num lugar do passado. Seu desejo é estabelecer uma nova relação com o passado, diversa daquela sustentada por grande parte dos filósofos e historiadores europeus: a crença no progresso ilimitado da humanidade. Essa visão progressista cultuou o "novo" como valor, aperfeiçoamento daquilo que passou, de um presente sempre melhor que o passado.

Na tese nº 13, Benjamin critica o ideal progressista, comparando-o a "uma trajetória em flecha ou espiral" feita "no interior de um tempo vazio e homogêneo". Seu desejo é o de fazer "explodir" esse *continuum* e estabelecer um novo relacionamento da humanidade com seu passado, cuja "redenção" seria a verdadeira missão do historiador. Uma nova história atenderia às vozes emudecidas do passado, uma história feita não somente pelos vencedores, mas também pelos vencidos.

Tendo em vista essa nova visão da história, cumpre estabelecer suas relações com a historiografia literária. As propostas desenvolvidas por Hans Robert Jauss na obra *História da literatura com provocação à teoria literária* contêm severas críticas aos métodos de abordagem da história literária. Partindo de sua experiência de hermeneuta da literatura medieval, Jauss conduziu suas pesquisas não mais embasado nas fontes que os filólogos atribuíam a determinada obra e sim através da reconstrução do processo histórico de sua realização. Nesse processo, o leitor é imprescindível como "instância mediadora" entre passado e presente. A história da literatura, tradicionalmente compreendida como uma sucessão de fatos literários ou então de grandes autores e obras ordenados cronologicamente, estaria em constante mudança através da reconstrução do horizonte de expectativas dos leitores, contemporâneos ou não à obra literária.

A postura de Jauss reflete não uma oposição, mas uma "reavaliação" tanto da visão imanentista dos estudos literários, defendida pelos teóricos da escola formalista, quanto da teoria literária marxista. Para o autor, essas duas correntes da história da literatura teriam surgido como renúncia ao empirismo do pensamento positivista nas "humanidades" que, por seu turno, teria sido uma reação ao modelo teleológico da filosofia idealista da história.

A escola formalista lançaria, nas primeiras décadas do nosso século, novos elementos para a análise da obra literária. Entretanto, a teoria do método formal priorizou o caráter artístico da literatura, considerada objeto autônomo de investigação, desconsiderando as condições históricas de sua realização. Seu procedimento consistia em separar a linguagem prática da linguagem poética, ou seja, incluir a primeira na chamada "série não-literária".

No outro extremo, a teoria literária marxista, representada principalmente por Georg Lukács, preocupou-se em estabelecer vínculos entre literatura e realidade social, ou seja, os acontecimentos históricos, analisados numa relação causal, condicionariam a produção literária. Ademais, a escola marxista voltou-se para a construção de cânones na sucessão histórica das obras literárias.

Tanto os formalistas como os marxistas deixaram de resolver uma questão fundamental para a história literária: a relação entre o caráter estético e a função social da literatura. Seus métodos reduziram o "fato literário" ao campo restrito de uma estética da produção e da representação. A Estética da Recepção surgiu como uma tentativa, de acordo com Jauss, de rever e ampliar as propostas da escola formalista.

A abordagem jaussiana da historiografia literária formalista e marxista retoma o contexto de seu surgimento, no qual predominavam os preceitos historicistas. A corrente historicista corporificou-se tanto no âmbito da história geral como no da história literária, principalmente através do método da "empatia" (*Einfühlung*), que propunha uma aproximação "objetiva" do historiador do fato histórico a ser investigado.

Enquanto crítica ao historicismo, suas teses mantêm instigantes semelhanças com as de Benjamin. Embora vindos de correntes de pensamento distintas – Jauss da corrente hermenêutica e Benjamin da marxista –, os dois autores sustentam as mesmas críticas ao procedimento dos historiadores em relação ao passado. Ambos condenam

principalmente o ideal de objetividade do historicismo, ao almejar entender os acontecimentos passados como "realmente ocorreram". Através do método da "empatia", o historiador historicista, livrando-se dos condicionamentos de seu presente, estaria apto a entendê-los como se os tivesse vivenciado.

Ao incluir em suas abordagens os excluídos da história literária, Jauss afirma que tal fato somente se legitima quando o historiador se faz leitor para entender não somente a recepção dos textos, mas também o seu processo de recepção. O mesmo, iniciado pelo "horizonte de expectativas" de um primeiro público, prolonga-se numa seqüência lógica hermenêutica de "pergunta e resposta", relacionando, dialogicamente, os receptores e a obra, e auferindo-lhe assim o verdadeiro significado.

As teses de Benjamin dirigem um apelo ao passado para resgatar os que foram esquecidos pela historiografia oficial. As rupturas no continuum da história inauguram o *Jetztzeit*, o tempo de "agora", tempo fugaz que, no entanto, instaura o presente e uma outra história. Surge então o apelo daqueles que foram silenciados no passado que, mesmo doloroso, não se quer esquecido, pois nenhum fato pode ser considerado perdido para sempre para a história.

**ABSTRACT:**

*This work discusses Walter Benjamin's essay "Theses on the concept of history" and the Aesthetic of Reception by Hans Robert Jauss as criticism of the historicism. Although they come of different philosophical traditions there are points of similarity between their proposals.*

**KEY WORDS:** continuum, *Einführung*, *historicismo*, *horizonte de expectativas*, *Jetztzeit*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad., apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1. p. 222-232: Sobre o conceito da história.

BENSE, Max. Sobre a literatura de Walter Benjamin. Trad. Heloísa Bauab. *Revista USP*. São Paulo, v. 15, p. 118-122, 1992.

BOLZ, Norbert W. Filosofia da história em Walter Benjamin. Trad. George Bernard Sperper. *Revista USP*. São Paulo, v. 15, p. 25-32, 1992.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

COLLINGWOOD, R. G. *The idea of history*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 107-131.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. A Estética da Recepção: colocações gerais. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor*. (textos de Estética da Recepção). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a. p. 43-61.

\_\_\_\_\_. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. A Estética da Recepção: colocações gerais. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor*. (textos de Estética da Recepção). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 b. p. 63-82.

\_\_\_\_\_. *Experiencia estética y hermenéutica literaria*. Trad. Jaime Siles y Ela Maria Fernández-Palacios. Madrid: Taurus, 1992. p. 11-28: Prólogo.

OTTE, Georg. *Linha, choque e mônada: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin*. 1994. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte.